

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-22, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729   ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> <a href="https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.48878">https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.48878</a></p>	

SEÇÃO: 30 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO NO RS

## A renovação da Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul: desafios e potencialidades para o futuro

*The renewal of the Post-Graduation in Communication in Rio Grande do Sul: challenges and potential for the future*

*La renovación del Posgrado en Comunicación en Rio Grande do Sul: desafíos y potencialidades para el futuro*

**Cristiano Max Pinheiro<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2038-8191](https://orcid.org/0000-0002-2038-8191)  
[cristiano.max@pucrs.br](mailto:cristiano.max@pucrs.br)

**Rudimar Baldissera<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8295-9543](https://orcid.org/0000-0002-8295-9543)  
[rudimar.baldissera@ufrgs.br](mailto:rudimar.baldissera@ufrgs.br)

**Aline Dalmolin<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0003-4413-0061](https://orcid.org/0000-0003-4413-0061)  
[aline.dalmolin@ufsm.br](mailto:aline.dalmolin@ufsm.br)

**Gabriel Sausen Feil<sup>4</sup>**

[orcid.org/0000-0003-3546-6874](https://orcid.org/0000-0003-3546-6874)  
[gabrielfeil@unipampa.edu.br](mailto:gabrielfeil@unipampa.edu.br)

**Raquel Recuero<sup>5</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7417-9782](https://orcid.org/0000-0002-7417-9782)  
[raquelrecuero@gmail.com](mailto:raquelrecuero@gmail.com)

**Ana Paula da Rosa<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0001-7461-2278](https://orcid.org/0000-0001-7461-2278)  
[00587971@ufrgs.br](mailto:00587971@ufrgs.br)

**Otávio Daros<sup>6</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0738-8207](https://orcid.org/0000-0003-0738-8207)  
[otavio.daros@gmail.com](mailto:otavio.daros@gmail.com)

**Recebido em:** 15. set. 2025.

**Aprovado em:** 18. set. 2025.

**Publicado em:** 18 nov. 2025



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

**Resumo:** Os últimos anos foram marcados por uma reconfiguração do cenário da pós-graduação, também na área de Comunicação no Rio Grande do Sul: fechamento e abertura de cursos, quando não reformas tanto do quadro docente como das linhas de pesquisa. Novas tendências despontam, entre elas um movimento de interiorização e outro de profissionalização da pós-graduação. A comunidade de pesquisadores volta seus esforços para atender demandas conectadas a indicadores de "impacto social", "inserção regional" e "internacionalização". Para onde vamos? A presente publicação reúne pontos de vista sobre o assunto dos atuais coordenadores dos programas da PUCRS, UFRGS, UFSM e UNIPAMPA, além de contar com a representação da direção da COMPOS e do comitê de área no CNPq.

**Palavras-chave:** Mercado e academia; Internacionalização; Impacto regional; Presente e futuro da pós-graduação.

**Abstract:** Recent years have been marked by a reconfiguration of the postgraduate scenario, also in the area of Communication in Rio Grande do Sul: closing and opening of programs, when not reforms of both the faculty and research areas. New trends are emerging, including a movement toward regionalization and a movement toward professionalization of postgraduate studies. The research community is focusing its efforts on meeting demands linked to indicators of "social impact", "regional integration", and "internationalization". Where are we headed? This publication brings together perspectives on the subject from the current program coordinators at PUCRS, UFRGS, UFSM, and UNIPAMPA, as well as representation from the COMPOS board and the area committee at CNPq.

**Keywords:** Market and academia; Internationalization; Regional impact; Present and future of postgraduate studies.

**Resumen:** Los últimos años han sido marcados por una reconfiguración del escenario del posgrado, también en el área de la Comunicación en Rio Grande do Sul: cierre y apertura de cursos, cuando no reformas tanto del cuerpo docente como de las líneas de investigación. Están surgiendo nuevas tendencias, incluyendo un movimiento hacia la internalización y la profesionalización de los programas de posgrado. La comunidad investigadora centra sus esfuerzos en satisfacer las demandas vinculadas a indicadores de "impacto social", "integración regional" e "internacionalización". ¿Hacia dónde nos dirigimos? Esta publicación reúne las perspectivas sobre el tema de los actuales coordinadores de programas de la PUCRS, la UFRGS, la UFSM y la UNIPAMPA, así como de representantes de la junta

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), São Borja, RS, Brasil.

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

<sup>6</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil [Entrevistador e organizador].

directiva de COMPÓS y del comité de área del CNPq.

**Palabras clave:** Mercado y academia; Internacionalización; Impacto regional; Presente y futuro de los estudios de posgrado.

Juntas PUCRS, UFRGS, UFSM, UNISINOS e UNIPAMPA já titularam mais de 2 mil Mestres e Doutores em Comunicação, fazendo do Rio Grande do Sul um centro regional com projeção nacional na formação de recursos humanos e produção de conhecimento especializado. Com participação da UFPel, FEEVALE, UNIVATES e UNISC, o estado agrupa, em 2025, 27 bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPq, o que representa quase 15% das concessões para a área de Comunicação no Brasil e mais de 70% do total na Região Sul.

Dentro desse contingente misturam-se pelo menos duas gerações acadêmicas. A primeira formada por nomes que iniciaram sua trajetória junto à emergência da área e que, em maioria, recorreram a instituições situadas no eixo Rio-São Paulo e/ou no exterior para completar seus estudos. E uma segunda, que veio se titular, via de regra, sob orientação daqueles primeiros, nos próprios programas que se abriram no Rio Grande do Sul, engendrando assim um movimento de renovação a partir de uma tradição em formação.

A renovação dos atuais quadros foi impulsionada, em parte, é verdade, pela descontinuidade da tendência de realocação de pessoal aposentado nas federais na iniciativa privada, ou mesmo de reingresso no próprio setor público. Mudança essa que ampliou a margem para a contratação de pesquisadores outros, que hoje angariam posições mais estáveis transitando do serviço privado para o público, ou aproveitando as melhores oportunidades dentro do primeiro segmento. As trajetórias profissionais não seguem as mesmas dinâmicas do passado porque a realidade atual é distinta, em razão de novas demandas acadêmicas e burocráticas, combinadas a fatores de ordem econômica.

Uma tendência comum às instituições tanto públicas quanto particulares têm sido o compartilhamento do professorado. No setor público, isso tem se configurado entre programas de pós-graduação de diferentes universidades, seja

entre UFRGS, UFPel e UFSM, ou particularmente entre UFSM e UNIPAMPA, parceria que decerto contribuiu para o florescimento da pós-graduação nesta última. Já no setor privado, o compartilhamento tende a ser entre dois ou três programas da mesma instituição, por um lado, para fins de sustentabilidade administrativa e, por outro, como política de incentivo à interdisciplinaridade.

Com a descontinuidade de uma série de cursos de mestrado e doutorado da UNISINOS, a partir de 2022, transformou-se de forma mais geral o cenário estadual da pós-graduação. A despeito dos desafios inerentes à localização geográfica, as instituições interioranas do Rio Grande do Sul viram aumentar o seu número de acadêmicos com bolsas de pesquisa também na área de Comunicação, as quais por muito tempo estiveram concentradas na Região Metropolitana. Ocorre, portanto, uma distribuição mais equilibrada entre a capital e o interior.

Além da interiorização da cultura de pós-graduação, a abertura do Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa da UNIPAMPA, em 2016, coloca em evidência pelo menos dois outros fenômenos. O primeiro da pós-graduação profissionalizante, e o segundo de aposta no que se convencionou chamar de Indústria Criativa, na expectativa de incentivar a transação entre universidade, Estado e empresas, abarcando desde o ramo da moda até o do turismo.

Essa tendência foi antecipada, cabe reconhecer, pela FEEVALE — antes centro universitário, hoje universidade — instalada no município de Novo Hamburgo, que desde 2014 dispõe de um mestrado profissional em Indústria Criativa. Diferente da proposta da UNIPAMPA que se inscreve na área de Comunicação da CAPES, o programa da FEEVALE situa-se na área Interdisciplinar, tendo lançado em 2024 sua primeira chamada para ingresso em curso de doutorado, igualmente ofertado na modalidade profissional.

Enveredando por esse caminho, o PPGCOM da PUCRS, também em 2024, veio a atualizar sua linha de pesquisa Cultura e Tecnologias das Imagens e dos Imaginários, para: (1) Imaginários, Indústria Criativa e Tecnologias Emergentes.

Ainda em 2022, já havia se criado uma nova linha denominada (2) Processos Comunicacionais, Políticas dos Corpos e Interseccionalidade, ao passo que a linha Política e Práticas Profissionais na Comunicação foi renovada para (3) Práticas nas Mídias, Organizações e Poder, reorganizando assim o corpo docente agora em três em vez de duas linhas. O que se manteve foi a área de concentração Práticas e Culturas da Comunicação, em vigor desde 2008.

No POSCOM da UFSM, também houve desdobramento de linhas de pesquisa, com a criação de uma nova e terceira: (3) Mídias, Mutações Sociossimbólicas e Sociotécnicas; e a manutenção das duas anteriores: (1) Mídias e Identidades Contemporâneas e (2) Mídias e Estratégias Comunicacionais. Também nesse caso, optou-se por preservar a área de concentração Comunicação Midiática, com a qual nasceu o programa em 2006.

Na UFRGS, a estratégia foi inversa, visto que de quatro linhas se passou para duas, sendo atualmente: (1) Linguagens e Tecnologias da Comunicação e (2) Relações de Poder e Práticas Culturais (anteriormente: Informação, Tecnologias e Práticas Sociais; Jornalismo e Processos Edito-

riais; Linguagem e Culturas da Imagem; e Mediações e Representações Culturais e Políticas). A principal mudança foi, no entanto, quanto à área de concentração sem mais o duplo enfoque em Comunicação e Informação, como era até 2018.

Fora as especificidades de ordem organizacional, os programas compartilham uma série de desafios, a começar pelo esforço no atendimento a expectativas de organismos de avaliação e agências de fomento pautadas sempre mais pela tentativa de mensuração de aspectos como "impacto social", "inserção regional" e "internacionalização". Daí a crescente busca por parte dos PPGs na elaboração de acordos e convênios, tanto em âmbito local quanto estrangeiro, visando diversificar as atividades de ensino e pesquisa sob novas frentes.

Para pensar o cenário que se redesenha, conversamos com os atuais coordenadores dos programas em Comunicação do estado: Cristiano Max Pinheiro da PUCRS, Rudimar Baldissera da UFRGS, Aline Dalmolin da UFSM e Gabriel Feil da UNIPAMPA. Participam da conversa também Ana Paula da Rosa, atual vice-presidente da COMPÓS, e Raquel Recuero, membro do Comitê de Assessoramento do CNPq pela área de Comunicação<sup>7</sup>.

**Tabela 1** – Mestres e Doutores titulados em Comunicação no Rio Grande do Sul até meados de 2025

INSTITUIÇÃO	MESTRES	DOCTORES
PUCRS (a partir de 2008)	383	213
UNISINOS	402	264
UFRGS	328	234
UFSM	236	114
UNIPAMPA	53	-
<b>Total</b>	<b>1.402</b>	<b>825</b>

**Fonte:** Dados apresentados pelas coordenações e secretarias dos PPGs.

**Vocês são representativos de uma geração pós-graduada no Rio Grande do Sul, uma diferença em relação àquela fundadora, em geral titulada no eixo Rio-São Paulo ou no exterior. Como avaliam a formação que receberam?**

**Cristiano Max Pinheiro:** Sinto que a formação que eu recebi, em termos de pesquisador, advinha de um local de descoberta dos próprios professores que se tornavam pesquisadores naquele momento. E nesse sentido de um mime-

<sup>7</sup> Completam esse especial dos 30 anos da Pós-Graduação no Rio Grande do Sul, as entrevistas realizadas com Haussen *et al.* (2025), bem como com Machado da Silva *et al.* (2025).

tismo daquilo que eles enxergavam no exterior, e deveria ser produzido no Brasil. Mas disso surgiu uma tradição, muito forte até hoje, porque possui uma base intelectual, uma base reflexiva, crítica, construída com rigor.

A diferença para hoje é a possibilidade de ousar, em contraste com aquela geração que foi responsável por criar todo um aparato, fornecer um sustentáculo, porque aquele início era muito uma provação. Todos tinham que se provar em termos de ciência, para que as suas validações pudessem ser dadas, para que pudessem financiar e conseguir recursos para suas pesquisas e programas, que estavam recém nas primeiras turmas de mestrado e doutorado.

**Rudimar Baldissera:** Avalio que a formação que recebi foi de excelência. Fui da terceira turma do Mestrado em Semiótica da UNISINOS. Os docentes eram muito qualificados, e o projeto pedagógico de então exigia que realizássemos estudos pelas diferentes linhas de pesquisa do programa, o que nos preparava melhor para uma atuação mais ampla, inclusive na docência. Outro aspecto central foi o fato de a ênfase do programa, naquele momento, ser em Semiótica, o que demandou importantes deslocamentos, pois minha formação anterior era pautada pelos estudos em interface com o campo da Administração e da Gestão de Pessoas. Essa condição exigiu repensar e redimensionar a compreensão de Comunicação Organizacional que predominava naquele contexto, que era a da perspectiva da gestão.

Ao final do mestrado já atuava como docente na FEEVALE, depois, também fui professor na UCPel e na UCS. Portanto, o doutorado na PUCRS foi uma decisão amadurecida, ao mesmo tempo que a experiência foi bastante distinta, devido à minha carga horária elevada naquelas universidades. Mas o esforço valeu a pena. Fui aluno de excelentes professores. Sem falar que o processo de orientação de tese foi de muito respeito e liberdade para realizar a pesquisa, e que pude realizar um processo tríplice: aprofundamento em termos de fundamentos teórico-epistêmicos;

submissão dos resultados parciais aos pares para discussão; e aplicação prática daquilo que estava estudando.

**Raquel Recuero:** Olha, eu também considero a minha formação excelente. Na época, havia um acordo entre os programas de Comunicação da UNISINOS, PUC e UFRGS que nos permitia cursar disciplinas nos três. Isso foi muito rico, porque tínhamos acesso a seminários, aulas e trabalhos coletivos, o que ampliava nossa formação. Também tive a oportunidade de cursar disciplinas em diferentes programas da própria UFRGS, o que aproveitei ao máximo. Foi uma experiência de grande importância, porque me deu acesso a um arcabouço teórico diversificado e a professores que, até então, eu só conhecia pelos textos.

Além disso, a formação local foi fundamental, principalmente pela possibilidade de pensar a Comunicação a partir do nosso contexto regional. Isso me deu mais autonomia intelectual e uma perspectiva própria para dialogar com outras tradições, algo que se refletiu diretamente na minha trajetória. Escolhi permanecer no estado justamente para contribuir com o desenvolvimento regional.

**Ana Paula da Rosa:** Minha graduação foi na Universidade de Passo Fundo onde tive a oportunidade de cursar Jornalismo e de conhecer excelentes professores, muitos dos quais com formação fora do estado e do país. O curso era bastante voltado para o mercado, então foi somente no *lato sensu*, na Universidade de Caxias do Sul, que a pesquisa começou a ser uma possibilidade mais concreta, pois na grade de professores constavam nomes como Antonio Fausto Neto, Branca Sólido, Maria José Baldessar. O diálogo com Fausto Neto, orientador do projeto final, me permitiu o contato com o *stricto sensu*. O mestrado, porém, só se concretizou anos depois e fora estado, na Universidade Tuiuti do Paraná, onde tive uma formação muito plural e crítica. Porém, o desejo de estudar na UNISINOS só aumentou com o passar dos anos, principalmente por ser referência, em especial nos estudos da

mediatização. Assim, cursar o doutorado nesta instituição foi determinante em meu percurso formativo não somente como pesquisadora, mas como professora e sujeito no mundo.

**Aline Dalmolin:** Também pude testemunhar como aluna de mestrado e doutorado o período “de ouro” do PPG da UNISINOS. E também em meu retorno para a UFSM, primeiro como pós-doutoranda, prestigiar o crescimento do POSCOM e da titulação de sua primeira turma de doutorado. Lembro que foi muito marcante para mim, à época, retornar para a instituição onde eu havia me formado, 14 anos antes, e observar seu crescimento, que praticamente dobrou de tamanho no período de expansão universitária federal no Brasil, no início dos anos 2000. Minha própria vaga docente foi uma vaga Reuni, resultado dessa política de expansão das federais. Até hoje relato para os alunos o quão marcante foi sair de uma universidade na qual precisávamos procurar cadeiras não utilizadas pelos corredores para ter onde sentar durante as aulas, para uma universidade uma infraestrutura que permite cadeiras estofadas, datashow e ar-condicionado na maioria das salas.

**Gabriel Feil:** Minha formação, que se deu em universidade comunitária (UNIJUI) e em universidade pública (UFRGS), entre os anos de 2000 e 2009, caracterizou-se por intenso diálogo com outras áreas, tais como a Filosofia, Sociologia, Antropologia e Psicologia, e por movimentos imbuídos pela criticidade — independentemente da orientação epistemológica. Tal formação teórico-filosófica e crítica me colocou em condições de experimentar o campo comunicacional de modo a conseguir “me virar” diante dos diferentes cenários e a encarar as constantes mudanças de rumos e perspectivas. Considero que quem aprende a pensar com rigor, isto é, consistência, usa o que aprende onde quiser — não necessariamente o conteúdo que aprendeu, mas a articulação de pensamento que foi necessária ser empreendida para que tal conteúdo fosse aprendido. Isso significa que estudamos Kant e/ou Heidegger e/ou Joyce não porque usaremos, em nosso cotidiano, o que eles disseram, mas porque, se nos tornarmos competentes para interpretá-los, teremos mais chances de operar em situações corriqueiras.

**Fotografia 1** – Comitiva da FAMECOS no Encontro Anual da COMPÓS de 2025, em Curitiba



**Fonte:** Professores do PPG/Arquivo pessoal.

**Quais foram as mudanças mais significativas que se processaram em termos da pós-graduação desde então? Os perfis de professor e de aluno passaram a ser outros?**

**Cristiano Max Pinheiro:** De certa maneira acho que nem tanto, porque parte dos pesquisadores continua a se inspirar e a reproduzir um perfil parecido com os pesquisadores de gerações anteriores. Então permanece muito da crença de que aquilo é pesquisa, de que daquele jeito deveria ser feito, de que aquilo é que tem valor. Mas também na área da Comunicação, outros tantos pesquisadores começam a questionar a sua episteme, a pensar naquilo que nós recebemos anteriormente. E da mesma maneira os discentes, porque hoje recebemos ainda alunos que apresentam um perfil parecido com aqueles de duas, três décadas atrás, mas que talvez não tivessem naquele momento condições e informações tão nitidas como se tem hoje do funcionamento de editais, de projetos, da ciência básica, da ciência aplicada, da intelectualidade e do impacto da sociedade.

Em resumo, nós temos hoje um momento diferente com pesquisadores que ainda se identificam com o perfil anterior, e pesquisadores outros que, em vez de reproduzir aquele perfil anterior mais tradicional, buscam se articular com os novos modos de produção de ciência, que exige inclusive capacidade de captação e gestão de recursos.

**Gabriel Feil:** Penso que o perfil dos professores não mudou significativamente, uma vez que nós — professores da pós de hoje — desejávamos/desejamos ser os nossos professores. Ou pelo menos a maioria de nós. Por outro lado, considero que os estudantes, hoje, tendem a apresentar uma postura mais distanciada em relação à figura do professor. Parece-me que o orientando perdeu um pouco do fascínio que tinha pelo seu orientador.

O docente pesquisador sempre foi um gestor de recursos humanos e projetos, mas nunca foi tão pressionado pelas demandas técnico-buro-

cráticas. Percebo que o esforço burocrático para fazer certas submissões — em sistemas internos e externos — é igual ou mesmo superior ao benefício oferecido pela aprovação da proposta, do plano etc.

**Aline Dalmolin:** Percebo que o aluno de pós-graduação hoje possui uma infinidade de recursos a sua disposição, mas tem maior dificuldade de aproveitar as suas potencialidades. A universidade hoje é muito mais humanizada, tem seu olhar direcionado a reconhecer diversidades e a proporcionar um ambiente mais inclusivo e plural. Por outro lado, a geração atual de docentes também está bem mais sintonizada com as problemáticas regionais.

O trabalho intelectual hoje na área da Comunicação se desenvolve de forma muito mais coletiva, enquanto em um passado não muito distante a pesquisa era algo mais solitário e individualizado. Hoje, a pesquisa se desenvolve cada vez na forma de projetos coletivos e dentro de redes de pesquisa. O lado positivo é que a partir dessas ações se pode alcançar maior impacto do que antigamente. E essa perspectiva de trabalho tem sido facilitada pelas tecnologias de comunicação, sobretudo após a pandemia, quando o ensino remoto e as atividades a distância deixaram de ser uma exceção para compor o dia a dia das instituições.

**Raquel Recuero:** Houve mudanças bastante profundas. Os programas cresceram e passaram a acolher um número maior de alunos, com formações muito mais diversas, o que enriqueceu bastante a pesquisa. Também acredito que a área amadureceu: avançamos não apenas em termos teóricos e conceituais, mas também na construção metodológica. Mostramos que a pesquisa em Comunicação é necessária e que produz conhecimento sólido.

Por outro lado, enfrentamos desafios cada vez maiores em termos de financiamento, especialmente nas Humanas e Sociais, que recebem cada vez menos apoio. A interdisciplinaridade, que já foi um caminho mais explorado, hoje enfrenta

obstáculos, e considero que perdemos muito ao nos fecharmos novamente em áreas mais delimitadas — eu mesma, sou fruto do diálogo interdisciplinar.

Outro ponto importante é a sobrecarga do pesquisador como gestor. Além de pesquisar, dar aulas e orientar, ele precisa lidar com toda a burocracia de projetos financiados: relatórios, comprovações, pagamentos. Isso consome muito tempo e desestimula muitos colegas a buscarem recursos que, paradoxalmente, são fundamentais para as universidades. Esse excesso de funções compromete a dedicação à pesquisa propriamente dita.

**Ana Paula da Rosa:** São mudanças multifatoriais que vão desde a questão econômica e social, passando pela própria regulamentação e legislação e formas de fomento. A sobrecarga de trabalho para atender a diferentes frentes que vão muito além da pesquisa, do ensino e da extensão, não torna a vivência mais imersiva, muito pelo contrário. Na verdade, o que se sente é a redução do espaço para a reflexão e para o diálogo coletivo, pois agregou-se pressão, demanda por resultados, índices de diferenciação de programas. Em contrapartida, as equipes de trabalho foram se tornando mais enxutas e mais cansadas.

**Rudimar Baldissera:** Para se ter uma ideia dessas mudanças, na época que realizei o mestrado, o curso era realizado em até 36 meses, e o número de créditos necessários era muito maior.

Isso me permitiu realizar um número maior de disciplinas, dialogar com vários pesquisadores e aprender com eles para além do foco na minha dissertação. Por sua vez, os docentes eram muito focados/as na pós-graduação, em orientações e no desenvolvendo de pesquisas, sendo que sua carga horária na graduação era bastante reduzida.

Hoje, a realidade é distinta para todos. Os valores das bolsas são incompatíveis com as necessidades básicas dos discentes e o número de bolsas é insuficiente para atender a demanda ampliada. Isso faz crescer o número de alunos que precisam atuar no mercado de trabalho, com cargas elevadas. O tempo para a dedicação aos estudos se torna muito reduzido, pois não são liberados do trabalho. Grande parte deles cumpre tão só o número mínimo de créditos. Como consequência está a tendência à especialização nos próprios objetos e procedimentos da tese ou dissertação, e a redução da capacidade de circular com qualidade em outras questões do campo da Comunicação, o que incidirá, por exemplo, nos níveis de empregabilidade.

A carga docente, por sua vez, tem sido progressivamente ampliada, com demandas de toda ordem: docência, extensão, pesquisa, gestão, e isso ainda precisa se traduzir em impactos científicos, sociais, culturais etc. O resultado tem sido algo como o adoecimento da pós-graduação, em seu conjunto: trabalhadores técnico-acadêmicos, docentes e discentes. Então, precisamos pensar formas para alterar essa configuração e regenerar o sistema.

**Tabela 2** – Bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq em Comunicação por IES

INSTITUIÇÃO	2005	2025
UFRGS	4	7
PUCRS	5	6
UFSM	1	5
UNISINOS	6	4
FEEVALE	-	1
UFPeL	-	1
UNIPAMPA	-	1

INSTITUIÇÃO	2005	2025
UNISC	-	1
UNIVATES	-	1
<b>Total de bolsas estado</b>	16 (20,5%)	27 (14,8%)
<b>Total de bolsas país</b>	78 (100%)	182 (100%)

**Fonte:** Em comparação com dados apresentados por Romancini (2006).

### Quanto às condições e estrutura de trabalho, quais são os principais desafios que se colocam para um coordenador de PPG hoje?

**Rudimar Baldissera:** Os desafios são muitos, e consideram um conjunto de variáveis, a começar pelo tamanho do programa. No caso do PPGCOM da UFRGS, a organização e a inserção qualificada do relatório Sucupira é o principal desafio, pois demanda coletar e organizar muitos dados, realizar análises qualificadas, autoavaliar o programa e planejar futuros. Não menos complexo é o desafio da captação de financiamentos. Por um lado, os/as pesquisadores/as estão sobrecarregados de trabalho, assim como a coordenação e, por outro, muitos financiamentos exigem projetos institucionais — o que se traduz em disputas entre as áreas — e, com frequência, os prazos são exíguos, o que prejudica os processos organizativos.

Outro desafio central é o fato de que em contexto de muitos adoecimentos, importa atentar para os diferentes casos em suas particularidades.

**Aline Dalmolin:** Um consenso geral aponta para a dificuldade de lidar com questões pessoais — muitas vezes relacionadas à saúde mental — que têm se tornado cada vez mais presentes no cotidiano do ensino universitário. Essa é uma necessidade reconhecida tanto em âmbito nacional quanto internacional, o que intensifica o desafio enfrentado pelos coordenadores.

Quanto aos processos burocráticos, eles têm um lado positivo que é o aumento do grau de impessoalidade, permitindo práticas mais transparentes e justas. Entretanto, a burocratização tem seu lado negativo: resulta em uma grande carga administrativa sobre os docentes, aumen-

tando a pressão para a gestão das atividades. Atualmente, ser coordenador de PPG assemelha-se a um trabalho de equilibrista, que exige lidar com múltiplas demandas simultaneamente, além de se manter produtivo como docente e pesquisador. Não há critérios diferenciados para professores que ocupam cargos de gestão; pelo contrário, frequentemente devem servir como exemplo para os pares, visto que também atuam na cobrança do cumprimento das metas, da produção científica e da prestação de contas à universidade.

**Cristiano Max Pinheiro:** Em relação às bolsas, aqui talvez seja interessante eu fazer um paralelo com minha experiência anterior, como coordenador de um programa profissional, no caso o de Indústria Criativa da FEEVALE. As bolsas só existem mediante projetos e convênios, ou são bolsas específicas que a instituição pode fornecer. Enquanto isso, num programa acadêmico como o PPGCOM da PUCRS, a situação é de certa forma privilegiada, por haver uma tradição e concessão natural de bolsas pelas agências de fomento, além de outras iniciativas que garantem uma oferta bem maior

Outra diferença é que meu PPG anterior pertencia à área Interdisciplinar, que é a maior área da CAPES. E justamente por reunir tantos programas tão diferentes, a alternativa é ter um padrão de qualificações e quantificações muito com base na gestão geral da CAPES. Em contrapartida, na Comunicação, por ser uma área disciplinar junto à Informação, as regras são muito próprias, inclusive no que diz respeito à avaliação das produções.

**Quadro 1** – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa da UNIPAMPA em 2025

COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA CRIATIVA	
Comunicação como Indústria Criativa	Comunicação para Indústria Criativa
Alciane Nolibos Baccin	Aline Amaral Paz
Denise Aristimunha de Lima	Fabio Frá Fernandes (colab.)
Joel Felipe Guindani	Gabriel Sausen Feil
Luciana Carvalho Menezes	Juliana Zanini Salbego
Marco Antonio Bonito	Marcela Guimarães e Silva
Renata Patrícia Corrêa Coutinho	Rafael Foletto
Vivian de Carvalho Belochio	

**Fonte:** Dados apresentados pela coordenação do PPG.

**Gabriel, diferente dos demais coordenadores aqui presentes, você coordena um programa que é relativamente novo. Como se deu a criação do Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa da UNIPAMPA?**

**Gabriel Feil:** A criação do PPGCIC inicia, ao menos de maneira mais clara e significativa, em 2015, quando um coletivo, composto pelo Observatório Missioneiro de Atividades Criativas e Culturais (OMiCult), pelo curso *lato sensu* Atividades Criativas e Culturais e por quatro grupos de pesquisa — (1) Jornalismo em Redes e Convergência; (2) Processos e Práticas nas Atividades Criativas e Culturais; (3) t3xto; e (4) Relações de Fronteira: história, política e cultura na Tríplíce Fronteira Brasil, Argentina e Uruguai — construiu uma proposta

capaz de reunir e articular as pesquisas já realizadas pelo próprio coletivo e, ao mesmo tempo, de expressar as singularidades de um programa de pós-graduação em Comunicação no contexto de fronteira, na região das Missões do Rio Grande do Sul. Em 2016, a CAPES divulgou a aprovação do PPGCIC, que passou a ser o primeiro — e até o momento o único — mestrado profissional em Comunicação do estado.

Destaco um potencial e um desafio frequentemente apontados em nossas atividades de autoavaliação. Potencial: uma formação *stricto sensu* que engloba elaboração empírica (projeto de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação) e reflexiva (dissertação). Desafio: buscar alternativas para a ausência de bolsas externas para programas profissionais.

**Fotografia 2** – “Pit Stop da Criatividade”, evento de autoavaliação e planejamento estratégico do PPGCIC da UNIPAMPA, em setembro de 2024



**Fonte:** Professores do PPG/Arquivo pessoal.

**Como os dois colegas engajados na pauta da Indústria Criativa percebem o desenvolvimento desse campo interdisciplinar a partir da realidade da Região Sul? A Indústria Criativa seria uma área estratégica para ajudar a resolver o problema da falta de transação entre universidade e mercado no Brasil?**

**Cristiano Max Pinheiro:** A Região Sul é muito reconhecida no país por ter iniciado de forma potente a discussão em torno da Indústria Criativa. Três dos seis programas do país assim nominados estão daqui. Obviamente que São Paulo, Rio de Janeiro, por sua potência agora nos últimos anos assumem a frente, mas junto ao Rio Grande do Sul.

A Indústria Criativa é uma possibilidade das pesquisas baseadas em Ciências Sociais e Humanas verificarem como elas conseguem fazer transferência de tecnologia, transferência de ciência para o impacto real na sociedade. E isso se vê em todos os programas de Indústria Criativa, porque eles nascem não só da necessidade de pesquisa, de uma intelectualidade, mas de que

isso constitua um país melhor, uma região melhor, uma cidade melhor.

No início do ano, bem como disse o coordenador de avaliação da CAPES, todos os programas de pesquisa acadêmicos, independente da sua natureza e área, precisam pensar num real impacto na sociedade das suas pesquisas. E isso é de maior importância em um cenário aterrorizante de negacionismo, no qual a ciência precisa mostrar a que veio. E o mérito da Indústria Criativa é buscar isso pela interdisciplinaridade, sendo ao mesmo tempo comunicação, design, moda, audiovisual etc.

**Gabriel Feil:** Os profissionais do setor criativo — incluindo, claro, os comunicólogos — caracterizam-se — e aqui erro pela generalidade — por “saber fazer”, o que é, evidentemente, muito importante. Mas, ao mesmo tempo, caracterizam-se por não saber explicar o que fazem ou mesmo saber o porquê do sucesso ou do fracasso de uma determinada ação. Tal situação fica ainda mais clara com os artistas/profissionais das atividades que a Conferência das Nações Unidas sobre

Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) chama de *upstreams* — que não são imediatamente vinculadas às demandas de mercado: pintura, teatro, literatura, dança, escultura e música. Nesse

sentido, sim, a Indústria Criativa na pós-graduação é estratégica para fazer fluir a transação entre academia e mercado.

**Figura 1** – Seleção de títulos com temáticas e perspectivas diversas, publicados por diferentes pesquisadores dos PPGs



**Fonte:** Acervo digital das editoras UNISINOS, Contexto, Ulbra, Civilização Brasileira e Sulina.

**Também temos entre nós colegas que são referência em outros campos, da Cibercultura à Comunicação Organizacional. Como vocês analisam o desenvolvimento dos seus respectivos campos de estudos a partir do contexto geo-acadêmico em que atuam? Quais eram suas referências e que caminho têm buscado trilhar por conta própria?**

**Rudimar Baldissera:** Em perspectiva sistêmica, não consigo pensar no desenvolvimento do campo de saber a partir do recorte regional. Esse saber é construído em diálogo, em tensionamentos e convergências de pesquisas. Lógico, a área de Comunicação Organizacional, nos últimos anos, obteve mais espaço nos programas de pós-graduação da Região Sul. Isso é facilmente percebido pelo número de teses e dissertações desenvolvidas, ainda que não façam referências diretas.

De qualquer forma, percebo que a área se desenvolveu muito, inclusive com viés crítico, e atentando para questões e dimensões que foram historicamente esquecidas e invisibilizadas. Essa é a perspectiva dos estudos desenvolvidos no PPGCOM da UFRGS. Como desdobramentos, o conhecimento produzido pela área se afastou

significativamente do viés de simples resposta às intenções gestionárias, isto é, a Comunicação Organizacional já não pode ser reduzida à ideia de "comunicação organizadora".

Na minha jornada de pesquisa, em distintos momentos, diferentes pessoas me inspiraram e me instigaram. E, nesse caminhar, foram medulares os fundamentos da Semiótica e do Paradigma da Complexidade, acionados nas pesquisas que desenvolvi em momentos em que ainda não eram empregados na área de Comunicação Organizacional.

**Raquel Recuero:** Com relação ao campo da Cibercultura e mais especificamente dos estudos de redes sociais na internet, acredito que o Sul do país foi um dos pólos pioneiros no Brasil. Já havia aqui discussões fundamentais sobre tecnologia, sociabilidade e os efeitos das mediações digitais na comunicação. Estar nesse ambiente, no momento em que esses debates começavam, foi uma grande sorte. Todos os meus professores foram referências importantes e tiveram papel central no meu crescimento.

Hoje, vejo que seguimos contribuindo para a área, com grupos relevantes tanto em programas tradicionais quanto em instituições mais recentes,

como UFSM e FEEVALE. Ainda há muito espaço para renovação, e espero que as próximas gerações também sejam protagonistas nesse processo.

Pessoalmente, sempre fui fascinada pelos modos como diferentes meios de comunicação

reconfiguram a organização social. Por isso, me interessei em estudar discursos, estruturas e efeitos, articulando métodos como análise de redes, análise crítica do discurso e abordagens qualitativas, aplicando-os a fenômenos concretos, como a circulação de desinformação.

**Figura 2** – Seleção de títulos da Coleção Cibercultura da Editora Sulina



**Fonte:** Acervo digital da editora Sulina.

Raquel, você foi agraciada com o Prêmio Pesquisador Gaúcho pela área de Ciências Humanas e Sociais da FAPERGS em 2025. É uma das pesquisadoras mais citadas do campo da Comunicação no Brasil. Qual é a sua aposta para manter um trabalho de pesquisa contínuo sem cair em um produtivismo irrelevante?

**Raquel Recuero:** Eu não cheguei aqui sozinha. Minha formação, os GTs, os eventos e os diálogos com colegas foram determinantes. Sentei nos ombros de gigantes, e também tive muita sorte de ter professores e colegas que abriram portas e colaboraram comigo. Por isso, consi-

dero essencial investir na formação de novos pesquisadores — no meu grupo de pesquisa e em parcerias mais amplas.

Quanto à produção, faço o que consigo dentro do tempo e dos recursos disponíveis. Meu objetivo não é publicar mais, mas publicar com relevância social e acadêmica. Busco estar envolvida de forma plena em tudo que assino e considero fundamentais as trocas que as colaborações proporcionam. Também acredito que impacto não pode ser medido apenas por métricas quantitativas, mas pela formação de pessoas, criação de redes e contribuição para debates públicos. Tento conciliar rigor com responsabilidade social.

**Fotografia 3** – Parte da comitiva da FABICO no Encontro Anual da COMPÓS de 2025, em Curitiba



**Fonte:** Professores do PPG/Arquivo pessoal.

**E você, Ana Paula, na posição de vice-presidente da COMPÓS, que balanço faz da situação da pós-graduação na Região Sul em relação ao cenário nacional?**

**Ana Paula da Rosa:** A pós-graduação no Rio Grande do Sul foi e ainda é uma referência. Por muito tempo, as instituições gaúchas atraíram pesquisadores do país todo, pois eram sinônimo de qualidade, rigor e inovação em abordagens teórico-metodológicas complexas. O estado é um dos poucos do país que conta com seis programas associados à COMPÓS e que teve papel fundamental em sua constituição. Olhando para a Região Sul como um todo são 12 programas: UNISINOS, PUC, UFRGS, UFSM, UNIPAMPA, FE-EVALE, UFPR, UTP, Univille, UEL, UEPG e UFSC, sendo dois deles em desativação.

Esse dado revela, de um lado, a existência de uma pós-graduação forte e, de outro, programas já amplamente consolidados, como o da UNISINOS e da UTP, que estão em descontinuidade por decisões institucionais. O que preocupa tanto no sentido da legislação da CAPES — rigor das

APCNs para abertura de programas e do sistema de avaliação “x” a facilidade para a uma desativação —, quanto no efetivo reconhecimento do papel da Comunicação enquanto um campo de saber fundamental para a vida em sociedade.

Certamente o cenário da pós mudou também em virtude da própria expansão da área para outras regiões fora do eixo Sul e Sudeste. Esse crescimento foi, em parte, estimulado também pelos programas do Sul que ajudaram a nuclear grupos de pesquisa e pesquisadores em diferentes instituições do país, criando lideranças importantes. Certamente, hoje, o número de pesquisadores que se deslocam do Norte do país para o Sul mudou muito, pois há uma salutar oferta de cursos ao longo de todo o país.

Enfim, a pós-graduação do país já avançou muito, mas na Comunicação temos um caminho pela frente que passa pela reflexão da própria área sobre os seus rumos, mas na maioria das vezes estamos tão repletos de demandas que esse pensar coletivo fica sendo adiado e se resume a pressões advindas da avaliação.

**Quadro 2 – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS em 2022**

PROCESSOS MIDIÁTICOS			
Mídias e Processos Audiovisuais	Linguagem e Práticas Jornalísticas	Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação	Midiatização e Processos Sociais
Gustavo Fischer	Maria Clara Aquino Bitencourt	Adriana da Rosa Amaral	Ana Paula da Rosa
João Bittencourt (colab.)	Ronaldo Cesar Henn	Alberto Efendy Maldonado	Antonio Fausto Neto
Sonia Estela Montaño		Jiani Adriana Bonin	Jairo Getulio Ferreira
Tiago Ricciardi Correa Lopes (colab.)		Rafael do Nascimento Grohmann	Pedro Gilberto Gomes

**Fonte:** Dados apresentados por Ana Paula da Rosa.

Vocês acreditam que o futuro da pós-graduação em Comunicação é cada vez menos acadêmico e mais profissional?

**Cristiano Max Pinheiro:** Não penso assim, pois para mim essa diferença não deveria existir

nesses termos, porque ciência é ciência e ela deve ser feita para a sociedade. Já ouvi isso da coordenadora anterior da área Interdisciplinar da CAPES, assim como do atual coordenador que é o Eduardo Winter. Nós não discutimos se um programa é acadêmico ou profissional na área

de Saúde, quando se produz uma nova vacina; ou na Computação, quando se cria um novo algoritmo a partir da intelectualidade dos seus pesquisadores.

Não faz sentido, então eu não vejo o futuro da pós-graduação em Comunicação enquanto programas profissionais. Eu acredito que o futuro da Comunicação deva ser com programas completos, plenos, integrais, também intelectualmente. Nós precisamos fazer pesquisas e elas podem discutir questões críticas da ontologia, mas precisamos, a partir da episteme, construir perspectivas, coisas que vão resolver problemas da sociedade. Então, quem divide, na minha percepção, simplifica demais algo que nós não deveríamos estar polarizando, e só vamos gerar mais problemas para a sociedade sob sua perspectiva.

**Gabriel Feil:** Sim, a tendência é que os programas se voltem cada vez mais para as diferentes profissões, mas isso inclui, claro, a profissão acadêmica. Além disso, aquilo que os programas profissionais já fazem "por natureza", os acadêmicos estão tendo que fazer por força avaliativa, sobretudo, no que diz respeito ao critério "impacto na sociedade". Entretanto, não acredito que isso deva significar um descompromisso com a pesquisa acadêmico-científica, mas talvez uma mudança de entendimento: não mais "pesquisa pela pesquisa" — embora eu, como pesquisador, goste disso! —, mas pesquisa para a formação e qualificação de um profissional. Nesse sentido, a tendência é que o foco fique menos na dissertação e tese como produtos "academicamente

acabados" e mais no trabalho de conclusão de curso — independentemente do formato — como instrumento de formação.

**Rudimar Baldissera:** A questão é pensar o lugar da pós-graduação na formação de pesquisadores/as visando ampliar sua potência de atuação em um conjunto alargado de atividades, ou seja, não restritas ao acadêmico-científico. Não se trata de abandonar essa formação, que seguirá necessária, pois é medular, mas de atentar para alternativas de inserção no mercado de trabalho que aproximem a produção do conhecimento, os domínios científicos e outras práticas profissionais para além da docência e da pesquisa em âmbito universitário.

O diálogo com os diferentes setores da sociedade precisará ser amplificado e qualificado, ou seja, será necessário melhor conhecê-los e compreender como o conhecimento produzido na pós-graduação poderá impactar positivamente, gerando mais qualidade de vida e o desenvolvimento comprometido em perspectiva ecossistêmica. Da mesma forma, importa que a sociedade seja presença mais efetiva na pós-graduação impactando, com suas experiências e saberes, a produção do conhecimento científico. Essa aproximação permitirá, por exemplo, qualificar as práticas de pesquisa focadas em respostas para o mercado, uma vez que a pesquisa realizada na pós-graduação poderá aportar importantes subsídios. A relação que se estabelece aí, portanto, não é a de exclusão, mas a de fornecer esteio e de atuar em colaboração para ampliar a qualidade dos processos cotidianos e dos seus resultados.

**Quadro 3** – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS em 2025

PRÁTICAS E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO		
Imaginário, Indústria Criativa e Tecnologias Emergentes	Processos Comunicacionais, Políticas dos Corpos e Interseccionalidade	Práticas nas Mídias, Organizações e Poder
Álvaro Nunes Larangeira (pós-doc. colab.)	Cristiane Finger Costa	Cleusa Maria Andrade Scroferneker
André Fagundes Pase	Deivison Moacir Cezar de Campos	Cristiane Mafacioli Carvalho

PRÁTICAS E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO		
Imaginário, Indústria Criativa e Tecnologias Emergentes	Processos Comunicacionais, Políticas dos Corpos e Interseccionalidade	Práticas nas Mídias, Organizações e Poder
Cristiane Freitas Gutfreind	Marcia Veiga da Silva	Otávio Daros (pós-doc. colab.)
Cristiano Max Pereira Pinheiro	Nythamar Fernandes de Oliveira	Rosângela Florczak de Oliveira
Eduardo Campos Pellanda		Víctor Márcio Laus Reis Gomes
Juremir Machado da Silva		
Larissa Caldeira de Fraga (pós-doc. colab.)		
Luana Chinazzo Muller (pós-doc. colab.)		
Roberto Tietzmann		

**Fonte:** Dados apresentados pela coordenação do PPG.

Tem-se colocado em discussão novos modelos de pós-graduação visando reduzir o tempo da formação de mestres e doutores. Nossos PPGs têm mais a ganhar ou perder com isso?

**Cristiano Max Pinheiro:** Os cursos em geral lá fora diminuíram, então com cinco anos, que era o tempo de uma graduação de algumas áreas, hoje um aluno no exterior faz a graduação e o mestrado. Isso não deixa de ser uma tentativa de qualificar a massa crítica da sociedade de uma maneira adequada ao tempo contemporâneo. Então eu creio que é possível, sim, buscar e aplicar novos modelos de maneira eficiente, mas precisamos cuidar para não perder o que já constituímos de base anterior, em nome de supostas inovações.

Chegam pela CAPES propostas de mudanças estruturais ou de possibilidades, a exemplo daquela modalidade de defesa escandinava que se dá mediante a submissão de artigos. Particularmente, eu ainda prefiro o modelo de dissertação e tese, mas a organização pensada no formato de artigos tem suas vantagens. Outra demanda tem sido a redução de disciplinas em prol de maior convivência com comunidades de pesquisas, cabendo também às instituições oferecerem ambientes adequados para tanto.

Enfim, são pautas a serem estudadas, à medida

que toda a área tem capacidade de adaptação para modelos novos e ter ganhos com isso, se bem elaborados e executados.

**Gabriel Feil:** Ao menos em uma primeira avaliação, eu não gosto da ideia. Entendo, claro, a preocupação com os números e as metas, mas, ainda assim, observo que a experiência na pós-graduação, por parte de mestrandos e doutorandos, vem se mostrando cada vez menos intensa — participação efetiva em projetos, em grupos de pesquisa, em bancas etc. Nesse sentido, a redução do tempo poderia reforçar ainda mais a tendência.

**Ana Paula da Rosa:** Depende. Primeiro temos de nos perguntar de onde vem essa “demanda” por uma mudança nos modelos da pós. Ela vem de uma escuta e de um olhar atento a nossa própria realidade ou de modelos importados? Surge a partir de um debate coletivo e ampliado com as várias áreas envolvidas na produção de conhecimento ou ancora-se na argumentação de que temos um número muito pequeno de doutores formados no Brasil em relação ao que se verifica em países economicamente desenvolvidos? No que, de fato, um novo modelo de pós-graduação mais enxuto vai impactar em termos de fomento, empregabilidade, reconhecimento e valorização

do conhecimento produzido aqui? Eis as questões que se colocam. O tempo de dois ou quatro anos é relativo. Defendo que é importante debater novos modelos de pós-graduação, mas não para

reduzir o tempo somente, mas para pensar sobre o destino dos egressos, a qualificação das instituições e especialmente como o conhecimento gerado pode ser, efetivamente, transformador.

**Figura 3** – Seleção de dissertações e teses editadas em livro, de autoria de pesquisadoras dos PPGs



**Fonte:** Acervo digital das editoras Autêntica, Sulina e Insular.

### Como vocês avaliam o estágio em que nossa internacionalização se encontra?

**Raquel Recuero:** Houve avanços importantes, mas a internacionalização ainda é desigual. Desde cedo, percebi que era fundamental dialogar com redes internacionais para colocar em circulação nossos problemas e perspectivas. Hoje, há mais abertura para isso, mas seguimos enfrentando desafios: falta de financiamento, barreiras linguísticas e limitações institucionais. No Rio Grande do Sul, temos grupos de excelência, mas ainda dependemos muito de esforços individuais. E a internacionalização exige investimento. É inviável pensar nesse processo quando uma taxa de publicação em periódico internacional custa 1.500 euros e não temos acordos que nos beneficiem na área da Comunicação. Fazemos pesquisa de ponta no Brasil, mas sofremos com excesso de trabalho e falta de recursos, o que dificulta a divulgação internacional do que produzimos. É um desperdício de potencial.

**Ana Paula da Rosa:** Considero pertinente pensar que a internacionalização vai além das propostas e iniciativas de grupos e pesquisadores. Ainda que estejamos produzindo com colegas

estrangeiros, há sempre um desnível nessa relação. Os colegas de instituições internacionais entram facilmente em nossas bibliografias, mas em que medida nossos textos circulam internacionalmente fomentados por esses pares? Essa é uma questão que precisa ser pensada, principalmente quando falamos de epistemologias do Sul e da ruptura com padrões colonialistas. A internacionalização só vai adquirir um outro status quando conseguirmos abrir caminhos de diálogo efetivo e isso implica, também, em políticas públicas nacionais que valorizem o conhecimento produzido e não só os indicadores bibliométricos.

**Rudimar Baldissera:** A internacionalização do PPGCOM da UFRGS vem se consolidando, especialmente a partir de esforços de docentes e discentes. Entretanto, a disponibilidade de recursos é um dos principais limitadores. Como uma das ações coletivas, estamos lançando edital específico para um Doutorado Interinstitucional Internacional, com a Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo, Moçambique.

**Aline Dalmolin:** Também no POSCOM da UFSM, paralelamente com a internacionalização Sul-Norte, temos buscado projetos Sul-Sul, com

destaque para uma cooperação já consolidada com universidades moçambicanas, que se estende por mais de uma década.

Lidamos, é verdade, com o fato de sermos um programa localizado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, o que obviamente dificulta uma série de deslocamentos. No entanto, essa posição também nos confere uma vantagem

estratégica na América do Sul, estando a cerca de 150 quilômetros do Uruguai e entre 200 e 250 quilômetros da Argentina, o que viabiliza a internacionalização via deslocamentos terrestres acessíveis por carro ou ônibus para esses países. Tal fator contribui significativamente para facilitar as trocas e colaborações internacionais na região do Cone Sul.

**Quadro 4** – Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM em 2025

COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA		
Mídias e Identidades Contemporâneas	Mídias e Estratégias Comunicacionais	Mídias, Mutações Sociossimbólicas e Sociotécnicas
Cássio dos Santos Tomaim (colab.)	Cláudia Herte de Moraes (colab.)	Ada Cristina Machado Silveira
Fernanda Budag	Jaqueline da Silva Kegler (colab.)	Aline Roes Dalmolin
Flavi Ferreira Lisbôa Filho	Juliana Petermann	Carlise Porto Schneider Rudnicki
Laura Wottrich Cougo	Márcia Franz Amaral	Celestino Vaz Tone Joanguete (vist.)
Liliane Dutra Brignol	Maria Ivete Trevisan Fossá	Jairo Getulio Ferreira
Milena Freire de Oliveira-Cruz	Marília de Araújo Barcellos	Laura Strelow Storch
Reges Toni Schwaab	Rejane de Oliveira Pozobon	
Sandra Dalcul Depexe	Viviane Borelli	
Veneza Mayora Ronsini		

**Fonte:** Dados apresentados pela coordenação do PPG.

**Nos seus PPGs, a pauta da internacionalização tem recebido a mesma atenção que a questão do “impacto regional”?**

**Cristiano Max Pinheiro:** No PPGCOM da PUCRS temos dezenas de convênios ativos e trocas de pesquisadores, hoje com Portugal, com França, com a Itália, mas também temos firmado com Equador, Argentina, Moçambique... Isso nos convida a repensar o aprender e olhar tanto para a América Latina como para a África, visando equilibrar as parcerias.

A internacionalização não se dá, porém, apenas por meio de relações no exterior, mas também com o nosso contexto regional, inclusive essa é a visão da CAPES. Podemos ser muito internacionais à medida que intensificamos as nossas

relações regionais, reforçamos e aplicamos soluções e levamos para o exterior mostrando o que nós fazemos localmente.

**Gabriel Feil:** Claro que o PPGCIC busca ampliar as suas iniciativas de internacionalização, mas não tenho dúvida que o seu potencial diz respeito mais à inserção e ao impacto regional. O PPG busca, através da reflexão e articulação de teorias e da leitura do mercado local, a consecução de processos/produtos comunicacionais. Tal consecução acontece por meio de dois componentes curriculares: (1) Planejamento — que inclui ampla revisão da literatura e aferição de sua relevância social e regional — e (2) Execução — período de desenvolvimento prático, quando as ideias inovadoras resultantes da pesquisa e do de-

envolvimento são aplicadas pragmaticamente, resultando em processos/produtos.

Essa particularidade do PPGCIC faz com que o programa não precise “fazer malabarismo” para encontrar intervenções práticas regionais, sobretudo, uma vez que essas intervenções são constitutivas da natureza/vocação de sua

proposta. No próprio processo seletivo para o regime regular, o candidato precisa apresentar uma ideia de um processo/produto gerada a partir da identificação de um problema prático regional e que possa ser executada a partir de um projeto de PD&I.

**Fotografia 4** – Docentes reunidos em evento comemorativo dos 20 anos do POSCOM da UFSM, em setembro de 2025



**Fonte:** Professores do PPG/Arquivo pessoal.

**Independentemente de sua natureza, fato é que a universidade está em crise como instituição, o que tem consequências não só para a graduação, mas também para a pós-graduação. Que alternativas visualizam para a reversão desse quadro?**

**Ana Paula da Rosa:** O caso da UNISINOS sinaliza bem que o fato de atingir patamares de excelência não assegura permanência e estabilidade. No final, apesar de bons resultados e de posicionamento internacional, há folha de pagamento, há insumos para manter infraestrutura, há um número grande de bolsas cujo repasse às universidades é muito inferior ao necessário. Porém, o *stricto sensu* não pode ser visto como mero custo, já que as universidades também

possuem responsabilidade social e produzir conhecimento de alto nível é uma contrapartida aos diferentes incentivos que tais instituições recebem ao longo dos anos.

**Gabriel Feil:** A alternativa que visualizo para combater essa desvalorização da universidade é, ao contrário do que possa parecer, não exagerar nas adaptações, por parte da formação acadêmica, às novas demandas, pois há outros espaços sociais que fazem concessões de modo mais espontâneo e veloz. O que nenhum outro espaço faz, com a mesma consistência, é imprimir o caráter científico, filosófico e crítico nas ações e pensamentos.

**Rudimar Baldissera:** Restabelecer a legitimida-

de das instituições universitárias pressupõe obter reconhecimento da sociedade. Então, importa ampliar o diálogo qualificado com seus diferentes grupos e setores, evidenciando a importância do conhecimento produzido, sem dúvidas, mas também tendo o cuidado de explicitar como esses resultados impactam a vida das pessoas, ou seja, já não basta estabelecer diálogo seletivo.

**Cristiano Max Pinheiro:** Daí a necessidade de um movimento de repensar uma polarização acadêmico "x" profissional. Não só os programas de Comunicação, mas todos os demais, devem ampliar suas relações e frentes de resoluções dos problemas da sociedade, abrindo-se tanto para diálogos com governos, independente de qual for, como com o setor produtivo.

**Aline Dalmolin:** Até porque a crítica recorrente que existe sobre a funcionalidade e relevância social das Humanidades e Ciências Sociais, âmbito onde se situa a Comunicação, desconsidera, por exemplo, o impacto das redes sociais e das plataformas digitais, o que por si só demonstra o crescente potencial da área. Ou seja, temos que trabalhar isso a nosso favor.

**O aniversário de 30 anos da pós-graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul foi marcado por uma tragédia climática, com perdas socioeconômicas que afetam o curso de desenvolvimento do ensino e da pesquisa. No que deveríamos investir maior esforço para retomar o desenvolvimento regional da área?**

**Raquel Recuero:** As enchentes no Rio Grande do Sul foram um alerta definitivo de que precisamos de ciência, aqui e agora, para enfrentar esses eventos. Nas salas de emergência, quem estava colaborando com as autoridades? Pesquisadores locais, que conheciam os rios, o clima, os processos de comunicação. Essa presença mostra como a pesquisa é essencial para salvar vidas e orientar políticas. Precisamos reconstruir não apenas a infraestrutura das universidades, mas também reforçar a confiança da sociedade

na ciência como instrumento de transformação. Isso passa por fortalecer redes de cooperação regionais e nacionais e por construir agendas de pesquisa conectadas às demandas sociais e às vulnerabilidades que vivemos. A Comunicação precisa ser protagonista nesse processo, porque nada tem efeito numa sociedade se não for comunicado, informado e circulado da forma correta.

**Cristiano Max Pinheiro:** Nós precisamos ser protagonistas e atuantes daquilo que nós acreditamos, mas também saber dialogar e ceder para viabilizar o trabalho em conjunto, como universidade sempre inserida na sociedade. No PPGCOM da PUCRS, temos pesquisadores trabalhando com desastres climáticos e o cuidado necessário para com as pessoas afetadas. Mas também temos pesquisadores engajados no desenvolvimento socioeconômico-ambiental dos setores de moda, do design, da cultura em geral. Não faltam bandeiras importantes para abraçar, mas é preciso viabilizar minimamente sua aplicação dentro da sofisticação que a concebemos, sem a ilusão que tudo será plenamente alcançado.

**Aline Dalmolin:** Na UFSM, estamos desenvolvendo o projeto ProExt, que envolve diversos dos nossos programas de pós-graduação e está focado na comunicação de proximidade e na resiliência climática, especialmente em relação aos impactos das fortes chuvas que acometeram a região da Quarta Colônia, próxima à cidade de Santa Maria. Além disso, os docentes do POSCOM, sob a coordenação da professora Ada Silveira, foram contemplados com um edital no valor de um milhão e meio junto à FAPERGS no final de 2024. Esse projeto ambicioso direciona esforços para a governança nos geoparques da região, ultrapassando os limites da Quarta Colônia, incluindo os Cânions do Sul, no Norte do estado, e Caçapava, próximo à região central. Dentro desses territórios, o POSCOM da UFSM busca compreender como a comunicação pode contribuir para esses processos, atuando simultaneamente como um vetor para o desenvolvi-

mento regional sustentável.

**Gabriel Feil:** Devemos, sim, trabalhar para intensificar as relações com os diferentes entes sociais e potencializar as estratégias de visibilidade das produções dos programas. Por outro lado, julgo que não podemos abrir mão da atenção à formação científica e reflexiva que caracteriza a pós-graduação. Isto é, ampliar, potencializar e tornar mais efetivo o contato com a sociedade, sem perder de vista que o compromisso da pós é com o percurso formativo de qualidade por meio da pesquisa técnico-acadêmica.

**Rudimar Baldissera:** Acompanhando fóruns de discussão fica evidente que há muito conhecimento para, entre outras coisas, reduzir impactos e gerar mais segurança, porém esse conhecimento não chega às diferentes comunidades. Com frequência cientistas e especialistas de diferentes áreas afirmam que se trata de um problema de "comunicação". Diante disso, penso que precisamos contribuir para que esse conhecimento alcance as diferentes comunidades, produzindo sentidos para elas. Ou seja, trata-se de auxiliar no sentido de identificar as demandas

comunicacionais — e por informações qualificadas — dos diferentes grupos, e propor ações e estratégias dirigidas que permitam que cada um deles identifique os riscos a que está sujeito e tome decisões responsáveis.

**Ana Paula da Rosa:** Vimos durante as enchentes o quanto a nossa atividade foi central, seja para registrar o vivido, para acionar redes de solidariedade ou, mesmo, como um grito de socorro em meio ao desastre. O volume de vídeos, fotos, depoimentos transcende, e muito, a esfera da mídia, pois diz respeito ao fazer dos atores sociais. Nesse sentido, fica evidente o quanto a Comunicação pode ser um caminho de enfrentamento para outras crises. Inclusive quanto à Comunicação de Riscos, pois há projetos em desenvolvimento no estado, mas não necessariamente contando com os profissionais que possuem condições de atuar nesta seara. Entendo que a união dos esforços vista durante as enchentes poderia nos servir como lição, um estímulo à colaboração entre diferentes públicos e setores, ao trabalho solidário e colaborativo de pesquisa entre instituições pelo estado.

**Quadro 5 –** Área de concentração, linhas de pesquisa e quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS em 2025

COMUNICAÇÃO	
Linguagens e Tecnologias da Comunicação	Relações de Poder e Práticas Culturais
Alê Teixeira Primo	Ana Carolina Escosteguy
Ana Paula da Rosa	André Iribure Rodrigues
Ana Taís Martins	Elisa Reinhardt Piedras
Antonio Carlos Hohlfeldt	Ilza Maria Tourinho Girardi
Bruno Bueno Pinto Leites	Laura Wottrich Cougo
Felipe Moura de Oliveira	Luiz Artur Ferraretto
Marcelo Ruschel Träsel	Maria Helena Weber
Miriam de Souza Rossini	Nilda Aparecida Jacks
Nísia Martins do Rosário	Rudimar Baldissera
Raquel da Cunha Recuero	Veneza Veloso Mayora Ronsini
Samile Andrea de Souza Vanz	

COMUNICAÇÃO	
Linguagens e Tecnologias da Comunicação	Relações de Poder e Práticas Culturais
Sônia Elisa Caregnato	
Suely Dadalti Fragoso	
Thais Helena Furtado	

**Fonte:** Dados apresentados pela coordenação do PPG.

## Referências

HAUSSEN, Doris Fagundes *et al.* A criação da Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul: desvelando o protagonismo feminino. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2025. <https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.48855>

MACHADO DA SILVA, Juremir *et al.* O desenvolvimento da Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul: entre continuidades e rupturas. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2025. <https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.48873>

ROMANCINI, Richard. *O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico*. 505 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

---

### Cristiano Max Pinheiro

Professor da PUCRS, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social desde 2025. Fundador do Programa de Pós-Graduação em Indústria Criativa da Universidade FEEVALE, tendo sido coordenador de 2019 a 2024. Líder do Cluster GameRS.

---

### Rudimar Baldissera

Professor da UFRGS, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Comunicação desde 2023, e antes de 2017 a 2019. Ex-docente da FEEVALE, UCS e UCPel. Vice-Presidente da Abrapcorp entre 2010 e 2012. Pesquisador de Produtividade do CNPq.

---

### Aline Dalmolin

Professora da UFSM, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Comunicação desde 2024. Professora Visitante pelo CAPES Print na Södertörn University, Suécia. Líder do grupo de pesquisa do CNPq Circulação Midiatizada.

---

### Gabriel Sausen Feil

Professor da UNIPAMPA, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa desde 2022. Integrante da Comissão de Implantação do Mestrado Profissional em 2016. Líder do grupo de pesquisa do CNPq t3xto.

---

### Raquel Recuero

Professora da UFPel, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Letras, bem como no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. Coordenadora do MIDIARS. Pesquisadora de Produtividade do CNPq, sendo membro de Comitê Assessor pela área de Comunicação.

---

### Ana Paula da Rosa

Professora da UFRGS, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Comunicação desde 2024. De 2019 a 2024, foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Vice-Presidente da COMPÓS no biênio 2025-2027.

---

### Otávio Daros

Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, enquanto Pesquisador de Pós-Doutorado do CNPq e da CAPES desde 2023. Pesquisador Visitante da UdelaR, FU Berlin, UGent e outas. Editor Assistente da Revista FAMECOS.

---

### Endereço para correspondência:

**Cristiano Max Pinheiro**

**Otávio Daros**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Escola de Comunicação, Artes e Design

Av. Ipiranga, 6681, Prédio 7

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, RS, Brasil

**Ana Paula da Rosa****Rudimar Baldissera**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Santana, 90035-007

Porto Alegre, RS, Brasil

**Aline Dalmolin**

Universidade Federal de Santa Maria (UFRM)

Centro de Ciências Sociais e Humanas, Prédio 21

Camobi, 97105-900

Santa Maria, RS, Brasil

**Gabriel Sausen Feil**

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Campus São Borja

Rua Vereador Alberto R. Benevenuto, 3200

Passo, 97670-000

Pelotas, RS, Brasil

**Raquel Recuero**

Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)

Centro de Letras e Comunicação

Rua Gomes Carneiro, 1

Centro, 96010-610

Pelotas, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*